



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Rasera, Emerson F.; Guanaes, Carla; Japur, Marisa
Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido ao Self
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 157-165
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817204>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido

Emerson F. Rasera^{1,2}

Carla Guanaes

Marisa Japur³

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Resumo

O construcionismo social tem sido proposto como um conjunto de elaborações da crise paradigmática das ciências nas últimas décadas. A complexidade e riqueza de tais elaborações dificultam uma descrição unitária e consensual sobre o construcionismo social. Neste artigo temos como objetivo explorar as propostas de Kenneth J. Gergen e Rom Harré acerca do construcionismo social, seus pressupostos, a visão de ciência promovida por cada um, e compreender as implicações para a construção de suas descrições de *self*. Se é possível identificarmos algumas propostas destes autores, algumas diferenças significativas marcam a distinção de suas posturas, e servem para mapear as tensões no qual outros autores construcionistas buscam ativamente se posicionar.

Palavras-chave: Construcionismo Social; teoria; *self*.

Psychology, Science and Constructionisms: Making Sense of Self

Abstract

Social constructionism has been proposed as a set of answers for the scientific paradigmatic crisis of last decades. The complexity and richness of its statements make difficult a unitary and consensual description of what is social constructionism. Our objective in this article is to explore in more details Kenneth J. Gergen and Rom Harré constructionism, its assumptions and view of science, thus favoring an understanding about the way they understand the self. Although it is possible to identify many similarities in their proposals, some differences mark the distinction of their positions, and help to map this field of tensions in which other constructionist authors try to position themselves.

Keywords: Social Constructionism; theory; self.

O construcionismo social⁴ tem sido proposto como um conjunto de elaborações da crise paradigmática que têm sofrido as ciências nas últimas décadas (Gergen, 1985). Ele tem se desenvolvido no campo da Psicologia baseado em uma concepção alternativa do funcionamento da ciência e suas formas de investigação. Podemos entender o construcionismo como decorrente de uma tensão historicamente muito antiga, entre empiristas e racionalistas, que tem ganhado uma forma e um nome específicos nas últimas décadas, promovidos por um conjunto de autores (Gergen, 1997; Harré, 1998; Parker, 1998; Shotter, 1993; Spink, 1999) que de diferentes modos têm revisto tal tensão.

têm entre si apenas uma “semelhança” (Gergen, 1997). Outros ainda afirmam não existir unidade (Parker, 1998). Por outro lado, é possível rapidamente encontrar nas quais marcamos a distinção entre construcionistas e não-construcionistas, por outro lado, o que os une permanece.

Construcionismo ou Construcionismos: Um Campo de Tensões

Algumas tentativas de descrever as propostas construcionistas foram feitas (Gergen, 1997; Harré, 1998; Parker, 1998; Shotter, 1993; Spink, 1999).

determinados autores (Gergen, 1997; Hacking, 1999) faz da definição/distinção do construcionismo um pseudoproblema. Contudo, se uma descrição única do construcionismo não precisa ser buscada, uma análise comparativa sobre as especificidades de algumas propostas pode dar visibilidade a algumas tensões que compõem o campo de preocupações construcionistas, clareando as opções de cada autor e as implicações destas nas análises dos objetos estudados.

Assim, neste artigo, temos como objetivo explorar as propostas de Kenneth J. Gergen e Rom Harré acerca do construcionismo social, seus pressupostos, a visão de ciência promovida por cada uma delas, buscando compreender as implicações para a construção de suas descrições do *self*. Trata-se de um exercício reflexivo que busca situar tais propostas a partir de seu próprio vocabulário e preocupações específicas, preservando a riqueza de cada descrição e explicitando a heterogeneidade do construcionismo social.

A escolha destes autores se pautou pela auto-identificação dos mesmos como construcionistas, por apresentarem uma definição sistematizada desta perspectiva, associada ao fato de ambos terem produzido trabalhos específicos a respeito do conceito de *self* (Gergen, 1991; Harré, 1998), facilitando a tarefa analítica aqui pretendida. A escolha do conceito de *self* como foco de nosso estudo deveu-se à centralidade deste conceito para a Psicologia, sendo assim um ótimo exemplo para explicitarmos as contribuições construcionistas para a mesma.

A Ciência como Empreendimento da Cultura: Pós-modernidade, *Self* e Discurso

Apesar das divergências entre os pesquisadores na descrição do construcionismo, é possível identificar claramente a proposta de uma Psicologia de cunho construcionista nos trabalhos de Gergen, a qual está articulada a uma forma de pensar a prática científica e o desenvolvimento do conhecimento.

Gergen (1999), na tentativa de descrever algumas idéias centrais sobre o construcionismo social, enfatiza:

1) a especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo. As descrições do mundo não

gerar conhecimento, implicam em diferentes maneiras de dar sentido ao mundo e de agir socialmente.

4) a valorização de uma postura crítica. Segundo Gergen, que o conhecimento está associado a determinadas condições sociais de produção, o construcionismo convida a uma crítica e reflexiva sobre os saberes gerados e a transformação de nossas próprias tradições.

A partir destas idéias, a ciência não é vista como empreendimento construcionista, conforme a descrição de um empreendimento da cultura, e deixa de ser vista sob uma epistemologia dualista da distinção sujeito/objeto, orientado por uma epistemologia social. A verdade realizada pela mente individual é substituída por questões de inteligibilidade, utilidade social e valores existentes em determinados padrões de cultura e vida social. A ênfase na natureza contingente e situada do caráter social de produção do conhecimento implica a proposição tanto de um objeto, como de um sujeito únicos na Psicologia.

Gergen (1997) propõe uma visão da ciência como instrumento pragmático de sustentação ou transformação das inteligibilidades tradicionais. A redescoberta da ciência psicológica como prática social contém implicações transformações teóricas e metodológicas para a ciência científica visando contribuições que potencializem a cultura.

A contribuição da ciência para a manutenção das condições existentes, numa perspectiva construcionista, reside na formulação de inteligibilidades teóricas e práticas que determinam entendimentos que facilitam a realização das ações humanas dentro de limites sócio-culturais. Por outro lado, a ciência pode promover uma transformação das convenções sociais a partir de investigações que incluem uma crítica interna, uma crítica cultural, até mesmo um deslocamento (*scholarship of dislodgment*). A ciência refere à avaliação e reflexão por parte dos pesquisadores das descrições do real e as práticas associadas a esta postura avaliativa, temos uma crítica que o debate está relacionado a perspectivas

democratização, através da qual múltiplos parceiros são convidados a dialogar sobre as formas e os resultados da produção científica; e a reconstrução, na qual esforços são dirigidos para a proposição de novas visões, vocabulários e práticas que promovam a transformação cultural.

Estas posturas desconstrutiva e de crítica interna promovidas pelo construcionismo social produzem na Psicologia a necessidade de se rever as descrições/definições do conceito de *self*, considerado por muito tempo o objeto de estudo privilegiado desta ciência, e de se propor novas formulações. Assim, o estudo do *self* está presente em diversos trabalhos de Gergen (1991, 1997, 1999). Associado às críticas ao realismo e ao essencialismo de muitas definições do *self* e suas contribuições para uma cultura individualista, Gergen ao investigar o *self* abandona a busca pela definição universal de um *self* nuclear, organizado, estável e autêntico como no projeto da ciência moderna.

De sua ênfase no estudo da linguagem decorre a descrição do *self* como um discurso: de um lado, buscando situar as condições sócio-históricas concretas de emergência de um novo vocabulário sobre o *self*; e de outro, analisando as formas pelas quais as narrativas sobre o *self* socialmente disponíveis são utilizadas na sustentação dos relacionamentos. Há assim uma exteriorização, multiplicação e contextualização histórica da construção do *self*.

Em seu livro *The saturated self*, Gergen (1991) analisa as condições de emergência de uma nova forma de descrever o *self* – o *self* saturado, identificadas ao processo de saturação social promovido pelo desenvolvimento tecnológico, especialmente dos meios de transporte, das telecomunicações e variadas formas de mídia, nas últimas décadas. O *self* saturado aí descrito relaciona-se aos padrões de relacionamento social de um mundo pós-moderno, no qual há um intenso fluxo e contato de pessoas e tradições que levam ao questionamento reflexivo, a inúmeras possibilidades de negociação e reconstrução. Neste processo de saturação social, emerge um *self* povoado por múltiplas e contraditórias possibilidades de ser, para o qual se ampliam as oportunidades de relacionamento com os outros,

A ampliação da conexão social e a multiplicidade de investimentos no processo de multifrenia caracterizado pelo “dever”, devido às necessidades de inúmeros relacionamentos; b) a “dúvida”, dada a diversidade de formas de relacionar e descrever o mundo; c) a “racionalidade”, pelo reconhecimento de determinadas formas de ser e agir.

Este processo de saturação social leva à descrição de um *self* relacional e saturado, desgastada dos discursos românticos. Gergen chama a atenção para a emergência de sinais de uma cultura moderna de sinais de uma cultura moderna, em que os aspectos prévios e referidos são parte da descrição e da relação.

Entre estes sinais podemos apontar a necessidade de explicitar o domínio social da cultura por autores que mostram como as condições estabelecidas sobre a narrativa cultural compreendemos o passado. No entanto, a cultura está associada a uma sociobiologia e a uma memória compartilhada. Segundo Gergen, a cultura como performance cultural. Há uma relação entre a biologia para a cultura no entendimento de uma encenação, o sistema biológico expressar determinada emoção, em si mesmo. Há cenários emocionais que disponibilizam e demandam a cultura entre os participantes num jogo emocional. Terceiro, a descrição do fenômeno relacional, existindo justificativas para uma boa cultura disponíveis na cultura e são utilizadas pelas pessoas não são inerentes. A pluralidade de realidades sociais pode causar tensões e ambiguidades moralmente aceitáveis, sendo a divergência de perspectivas entre

narrativa de *self*. Ele, então, analisa as narrativas de *self* como forma de descrição social, como recurso conversacional, como um “implemento lingüístico embutido em seqüências convencionais de ação e empregados nos relacionamentos de tal forma a sustentar, incentivar ou impedir determinadas ações” (p. 187).

Considerando esta concepção, a inteligibilidade do *self* está relacionada à estrutura das descrições narrativas. Para este autor, as propriedades das boas narrativas são histórica e culturalmente determinadas, sendo que as convenções narrativas contemporâneas se organizam a partir dos seguintes critérios: 1) estabelecimento de um desfecho; 2) seleção de eventos relevantes para o desfecho; 3) ordenação dos eventos; 4) preservação da estabilidade da identidade da personagem; 5) presença de ligações causais entre os eventos; e 6) indicação de signos de demarcação. Narrativas de *self* pautadas por estes critérios promovem, em nosso contexto sócio-histórico atual, um maior senso de realidade e eficácia social, favorecendo um maior senso de coerência e direção na vida.

Segundo Gergen (1997), certas formas básicas de narrativa são amplamente compartilhadas na cultura. Para ele, todos os enredos podem ser convertidos para uma forma linear em termos de mudanças avaliativas ao longo do tempo, segundo três formas narrativas rudimentares: estabilidade, progressiva e regressiva. Nelas, o movimento na dimensão avaliativa ao longo do tempo permanece imutável, é crescente ou decrescente respectivamente. Estas formas narrativas rudimentares geram variações mais complexas, tais como a narrativa trágica, na qual há uma narrativa progressiva seguida de uma narrativa regressiva e a saga heróica, na qual há uma série de fases de narrativas progressivas e regressivas.

As narrativas podem se referir a períodos amplos de tempo, as macronarrativas, bem como eventos de curta duração, as micronarrativas. Estes dois tipos de narrativas podem se entrelaçar gerando narrativas encaixadas. Nestas, juntamente com relatos de um tempo distante há descrições de eventos recentes. Segundo Gergen (1997), na medida que a cultura valoriza a consistência entre as narrativas, as macronarrativas passam a ter uma importância significativa,

descrição de uma identidade duradoura, i gerando segurança naqueles relacionamen tal descrição para sua manutenção.

São nos contextos de relacionamentos têm suas potencialidades e limites dete possibilidade de se descrever através de qualquer tipo depende da comunidade inserido, dos relacionamentos aí existentes. moral a que estão sujeitas quaisquer narr na maior parte das vezes incluem a participantes. Assim, a validade narra confirmação do outro, de seu acordo qua foi descrito. Constrói-se, assim, uma re recíprocas. Para Gergen (1997), “As identid nunca são individuais; cada uma é suspens de relacionamentos precariamente situados sobre o que acontece aqui e agora – entre infinitas” (p. 209). Esta forma de descreve narrativa contada por nós e pelos outros de determinados vocabulários e discu disponíveis, reafirma as perspectivas propostas por Gergen a respeito da esp histórica das descrições do mundo, da relacionamentos na sustentação do co interligação entre conhecimento e ação, ab reflexões críticas sobre as contribuições a manutenção e/ou transformação da cul

A Dualidade da Ciência Psicológica: Discursivas e *Selves*

A discussão sobre ciência e sobre as m orientam uma perspectiva construo desenvolvida por Harré (1998) em seu liv a partir da proposição de uma Psicologia investigação dos fenômenos psicológicos. este autor, a Psicologia Discursiva dese uma forma particular de explicação, ond uma produção essencialmente humana, histó situada, orientada por regras e convenções

De acordo com Harré (1995) relatar como as coisas são a parte pessoal, de assumir ou repudiar um ponto de ação e de contar nossa história em “linhas de vida” (p.14). Cada narrativa discursiva e a investigação destas relações fazem parte de um contexto que caracteriza a especificidade de cada pessoa. Para esta segunda ontologia, a análise como técnica preferencial de investigação empírico da gramática é visto como relevante da experiência humana reveladas; e o uso do Eu (pronome pessoal) revela os diferentes modos de senso de *self*. Assim, ao mesmo tempo a dualidade da ciência psicológica, a discursiva e preferencial, definindo como caracterizadora. Discursiva não a investigação do contexto, a investigação das práticas discursivas e psicológicas são ativa e relacional. Segundo o autor, esta visão da Psicologia Dual é coerente com a abordagem relacional que é descrita por ele a partir de uma perspectiva em que tanto a universalidade como a singularidade de ser uma pessoa são contempladas. O construcionismo social em relação ao relacionamento inicial com o mundo e a aquisição de características pessoais e tendências tipicamente humanas são resultado da interação ‘simbiótica’ proposta. A natureza relacional do ser humano é considerada essencial, e isto impõe uma abordagem relacional.

Além disso, Harré (1998) considera a existência de algumas condições que estão fora de qualquer discurso, tais como as próprias condições que tornam a linguagem possível – como expressões naturais de sentimento, de ponto de vista perceptual, etc, sem as quais não existiria sequer a possibilidade de desenvolvimento de um sistema simbólico; uma fundação etológica essencial – incluindo tanto o aspecto relacional como a possibilidade lingüística; e a existência de uma ordem moral em curso, sem a qual não haveria qualquer possibilidade de discurso e significação. Harré (1998) argumenta, contudo, que esta ênfase dada às condições capacitantes para o uso da linguagem não desconsidera as dimensões relacional, temporal e contextual do processo de produção do *self*. Para ele, as pessoas constroem seus atributos pessoais, habilidades e capacidades, bem como sentidos sobre o mundo material a sua volta, nas práticas discursivas, na interação com outras pessoas, e esta construção estará sempre sujeita a variações em função de aspectos culturais e temporais em curso. Esta visão de Psicologia Discursiva favorece, entre outras coisas, uma compreensão acerca do modo como se dá a construção da personalidade no discurso, isto é, de como adquirimos nosso senso de unicidade, singularidade e continuidade pessoal – as noções centrais que sustentam a concepção acerca do que é ser uma pessoa em qualquer cultura, segundo Harré.

Conforme afirmamos anteriormente, segundo Harré (1998), a Psicologia Discursiva propõe que a especificidade do ser humano reside em sua capacidade de produzir sentido sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive, isto é, em sua habilidade de produzir explicações discursivas. Para ele:

A tese psicolingüística da construção social da personalidade é simplesmente a de que, ao adquirir a capacidade gramatical do uso dos artifícios de primeira pessoa, as singularidades do *self* são trazidas para a coordenação como o senso que eu tenho de meu próprio ser como uma singularidade, meu contínuo ponto de vista. (p.18)

Na defesa desta concepção, o autor começa desconstruindo o conceito de *self*, usualmente referido como entidade na ciência

De acordo com as idéias do construcionismo, as propostas, este aspecto remete à dimensão do que é ser uma pessoa, algo próprio do

Além disso, ter um senso de *self* é ter t de singularidade, de se ter um conjunto de pessoais que, mesmo mutáveis, constituem única e diferente de todas as demais. A possibilidade de semelhança com outros implica em ser diferente dos outros e propriedades, ainda que possa haver inúmeras. Este aspecto é denominado por Harré de relação com um terceiro aspecto, o “*self* 3” impressões que esta totalidade de at

A partir disso, Harré (1998) propõe que uma entidade, mas sim “uma posição a partir da qual percebe o mundo e o lugar a partir do qual a diversidade do que é ser uma pessoa é expressa em concordância com a perspectiva construída por ele descrita. Assim, enquanto os *selves* são ficções gramaticais, as pessoas são descritas existentes, constituídas pelo conjunto de *self* – o que é descrito e sintetizado no padrão”:

Pessoa {*Self*1, *Self*2, *Self*3}.

Cada um destes *selves* encontra sua forma de expressão nos discursos e formas narrativas, de modo que as práticas discursivas se constituem privilegiado para a investigação da personalidade de vida humana. Para ele, enquanto a personalidade pode ser observada em nossa gramática, especialmente através do uso do pronome pessoal pelo qual assumimos nosso ponto de vista, a localização como ser responsável, a expressão 2 pode ser verificada nos diversos discursos nos quais organizamos discursivamente os pessoais em uma história de vida descrita como contínua e singular.

Na compreensão do modo como se dá a construção discursiva do *self*, a Teoria do Posicionamento

acerca do que é ser uma pessoa. Para este autor, ser uma pessoa remete a pensar um ser com uma corporeidade única, mas com atributos e poderes diversos e uma história distinta de todos os outros seres, que deve assumir-se como ator responsável, com direitos e deveres em relação a outras pessoas. São estas as características básicas que definem o que é ser uma pessoa e que demandam por um discurso de *self* referido à unicidade, singularidade e continuidade da experiência pessoal. A proposta de Harré (1998) é a de que “o conjunto de conceitos pessoais que caracterizam os discursos de *self* assume o papel de uma gramática, de regras que tornam o discurso sobre pessoas possível” (p.72).

Ter um senso de *self* é estar determinado a se expressar de determinadas formas, seguindo as convenções normativas que orientam e legitimam nossas descrições acerca de nós mesmos. Portanto, a análise da gramática e das formas

narrativas é o campo de investigação da ciência psicológica discursivamente. É nos discursos que a maioria das pessoas são construídos, bem como no

Construcionismos em Diálogo e Implicações para o Conceito

Considerando nosso objetivo de apresentar diferentes descrições de Gergen e Harré sobre o construcionismo social, visamos a apresentar uma tabela comparativa (ver Tabela 1) das considerações destes autores sobre o assunto. Encontram-se sintetizadas. Privilegiaremos uma análise da lógica interna de cada uma, sendo possível explicitar os aspectos de determinada forma de se conceber o

Tabela 1
Comparação das Descrições de Construcionismo e suas Implicações segundo Gergen e Harré

Definições	Gergen	Harré
Construcionismo Social	1) a especificidade cultural e histórica de conhecermos o mundo. 2) a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento. 3) a interligação entre conhecimento e ação. 4) a valorização de uma postura crítica e reflexiva	1) condição etológica e de relacionamento inicial 2) especificidades do contexto 2) base lingüística essencial 3) condições morais e materiais de linguagem / diversidade da sintaxe da lingüística
Ciência	1) Psicologia: desafio à suposição de um objeto e metodologia únicos. 2) Empreendimento da cultura - Epistemologia social - Ciência como prática social 3) Visa gerar inteligibilidades - Crítica interna, cultural e pesquisa de desalocamento - Desconstrução, democratização e reconstrução	1) Psicologia: estudo da mente 2) Epistemologia dualista - aspectos biológicos e culturais - produção discursiva da realidade 3) Psicologia discursiva - objeto: pessoa { <i>self</i> /1, - método: estudo etnográfico das formas narrativas

Conforme apontamos na Tabela 1, Harré e Gergen partem de diferentes posições epistemológicas para o entendimento da produção do conhecimento. Enquanto Gergen parte de uma desconstrução da noção de realidade, enfatizando a natureza construída de nossas descrições de mundo e o caráter situado das mesmas – assim afirmando a multiplicidade possível de descrições ontológicas – Harré parte da dualidade ontológica sustentada tanto pela universalidade da condição relacional e lingüística do ser humano quanto pela diversidade possível de significação, considerando o uso situado da linguagem e a influência do contexto histórico e cultural.

Deste modo, a realidade da condição etológica humana – de um ser em relação e com capacidade para linguagem – é adotada por Harré, o que caracteriza uma forte distinção em relação à visão de Gergen. Nem mesmo este tipo de realismo é endossado por Gergen, que entende ser este também mais um discurso possível acerca da realidade do mundo e da natureza humana, um discurso situado, socialmente construído e, portanto, não universal. Contudo, no que tange à diversidade das formas de significação e a influência das condições culturais e relacionais nos processos de produção de sentidos, as propostas destes autores se aproximam. Ambos apontam para a importância do contexto sócio-cultural e da dimensão temporal nos processos relacionais de significação.

A importância do relacionamento com o outro no construcionismo de Harré é decorrente de uma dotação biológica ao nascer, de sua fragilidade, de uma condição etológica específica: a dependência do outro para seu desenvolvimento. Nesta construção teórica, a relação com o outro se refere a uma inevitabilidade ontológica. Já em Gergen não se trata mais de uma inevitabilidade ontológica, mas de uma opção epistemológica do autor. A partir de uma epistemologia social, a relação com o outro é considerada a unidade básica para o estudo da construção social da pessoa, e como tal, o relacionamento precede a pessoa. Como podemos ver, são diferentes justificativas para a ênfase comum nos processos sociais de construção da realidade.

epistemologia social. De acordo com estes princípios, a realidade não deve supor um objeto único e uma metodologia única de investigação.

Por outro lado, a visão construcionista de Harré considera os aspectos universais do humano e os aspectos particulares capacitantes para a aquisição da habilidade de linguagem na proposição de uma epistemologia dualista, com uma dupla ontologia. Para ele, a Psicologia deve considerar os aspectos biológicos próprios da etologia humana e as práticas discursivas onde os fenômenos são socialmente produzidos – sendo estas o objeto de estudo da Psicologia Discursiva. Assim, ao contrário de Gergen, Harré propõe a “pessoa” como objeto de estudo, focalizando, em especial, o modo como os discursos e artifícios retóricos, são utilizados na construção do senso de personalidade e, em consequência, na construção do estudo da gramática como a metodologia adequada para uma Psicologia Discursiva.

Por fim, estas diferentes premissas e concepções acerca dos empreendimentos da Psicologia psicológica geram também reflexões distintas acerca do *self*. Embora ambos os autores considerem o *self* como uma construção discursiva e relacional, os estudos dos relacionamentos entre as pessoas, estes autores defendem construções teóricas distintas e resultados específicos de investigação e prática no campo da Psicologia.

Ao situar o *self* como construção social, Harré presta atenção para os diferentes discursos construídos sobre o *self* (discurso romântico, moderno e pós-moderno) e as condições históricas que propiciaram e sustentaram estas construções. Assim, aponta para o caráter histórico destas descrições, desconstruindo a ideia de que existe uma demanda imanente pela expressão da identidade e dando visibilidade aos processos de saturação social, que parecem propiciar a emergência de um novo vocabulário de *self*, onde a diversidade de narrativas são promovidas. A partir disso, Gergen defende a necessidade de refletirmos acerca das implicações da construção social do *self* para a prática da Psicologia.

como artifícios retóricos pelos quais expressamos as noções de unicidade, singularidade e continuidade. Para ele, estas são descrições que definem o que é ser uma pessoa em qualquer cultura. Isto porque a corporeidade humana demanda por estas formas discursivas específicas, isto é, pelo discurso do *self* singular. Em outras palavras, existe uma demanda imanente e natural pelo discurso da unicidade, da singularidade e da continuidade pessoal e, estes aspectos encontram na gramática suas formas particulares de expressão. O *self* 1 pode ser observado através do uso dos pronomes gramaticais de primeira pessoa, o *self* 2 pode ser evidenciado nos discursos auto-biográficos e o *self* 3 nas referências de uma pessoa sobre o *self* de outra.

Assim, a tese dualista de Harré se presentifica também em sua conceituação do *self*, onde tanto a universalidade como a diversidade são fundamentais. Ao mesmo tempo em que existe uma demanda por um discurso singular do *self*, Harré ressalta que esta construção vai variar de acordo com o contexto cultural e as convenções narrativas diversas que orientam a construção destes discursos. Além disso, ressalta que esta construção discursiva do *self* se dá relacionalmente, através dos jogos de posicionamento entre as pessoas. Estas se constituem ao assumirem para si mesmas e atribuírem aos outros determinadas posições, de acordo com as contingências do relacionamento imediato, do contexto cultural e da linha de história em curso.

Considerações Finais

Ao compararmos estes autores muitas perguntas podem ser levantadas. Contudo, tal como já assinalamos, não objetivamos marcar rigidamente a distinção entre ambos, na afirmação da verdade sobre cada uma destas propostas. Isto seria apenas um artifício retórico. Assim, esperamos ter apontado algumas tensões que atravessam as descrições destes autores construcionistas comuns a vários de seus

pares e que se encontram presentes com outras teorias sobre o construcionismo.

A percepção de que a diferença entre os autores acerca da natureza das descrições que fazem do construcionismo suas visões de ciência, metodologia e teórica mais interessadas no estudo do *self* e dos fenômenos psicológicos e sociais.

Referências

- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Sage.
- Danzinger, K. (1997). The varieties of social constructionism. *Journal of Social Issues*, 53, 399-416.
- Gergen, K. J. (1985). The social construction of the self. *American Psychologist*, 40, 266-275.
- Gergen, K. J. (1991). *The saturated self*. New York: Basic Books.
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. New York: Basic Books.
- Gergen, K. J. (1999). *An invitation to social constructionism*. London: Sage.
- Hacking, I. (1999). *The social construction of reality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Harré, R. (1998). *The singular self: An introduction to the self*. London: Sage.
- Harré, R. & Gillet, G. (1994). *The discursive self*. London: Sage.
- Harré, R. & Van Langenhove, L. (Eds.). (1999). *Discourse and the construction of intentional actions*. Oxford: Blackwell.
- Nightingale, D. J. & Cromby, J. (1999). *Social constructionism: A practical guide*. Open University Press.
- Parker, I. (1998). *Social constructionism, discourse and the self*. London: Sage.
- Rasera, E. F. (2002). *Relatório de pesquisa/ Ensaio de construção*. São Paulo: Fapesp.
- Shotter, J. (1993). *Conversational realities*. London: Routledge.
- Spink, M. J. (1999). *Práticas discursivas e práticas de construção*. São Paulo: Cortez.
- Zuriff, G. (1998). Against metaphysical social constructionism. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 26, 5-28.